

A redação para ENEM e vestibulares

ALGUNS PENSADORES IMPORTANTES DA ATUALIDADE

Zygmunt Bauman

Zygmunt Bauman (1927-2017) foi um sociólogo, pensador, professor e escritor polonês, uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea. Criou a expressão “Modernidade Líquida” para classificar a fluidez do mundo onde os indivíduos não possuem mais padrão de referência.

Modernidade Líquida

Zygmunt criou o termo “modernidade líquida” – título de um livro seu publicado em 2000 – para descrever as transformações do mundo contemporâneo, no qual nada é sólido: tudo se dilui no ar.

O tempo em que vivemos é chamado por muitos pensadores como “pós-modernidade”. O termo foi popularizado em 1979 pelo pensador francês Jean-François Lyotard (1924-1998). Para Lyotard, esse é o período em que todas as grandes narrativas (visões de mundo) entram em crise e os indivíduos estão livres para criar tudo novo.

Bauman não utiliza o termo pós-modernidade. Ele cunhou o conceito de “modernidade líquida” para definir o tempo presente. Escolheu a metáfora do “líquido” ou da fluidez como o principal aspecto do estado dessas mudanças. Um líquido sofre constante mudança e não conserva sua forma por muito tempo.

As formas de vida contemporânea, segundo o sociólogo polonês, se assemelham pela vulnerabilidade e fluidez, incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça um estado temporário e frágil das relações sociais e dos laços humanos. Essas mudanças de perspectivas aconteceram em um ritmo intenso e vertiginoso a partir da segunda metade do século XX. Com as tecnologias, o tempo se sobrepõe ao espaço. Podemos nos movimentar sem sair do lugar. O tempo líquido permite o instantâneo e o temporário.

Fonte: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/zygmunt-bauman-o-pensamento-do-sociologo-da-modernidade-liquida.htm>>

Principais obras:	Vidas Desperdiçadas (2003)
Pensando Sociologicamente (1990)	Vida Líquida (2005)
Modernidade e Ambivalência (1991)	Medo Líquido (2006)
Vidas em Fragmentos (1995)	Vida Para Consumo (2007)
O Mal-estar da Pós Modernidade (1997)	Tempos Líquidos (2007)
Globalização (1998)	Cegueira Moral (2014)
Em Busca da Política (1999)	A Riqueza de Poucos Beneficia Todos Nós? (2015)
Modernidade Líquida (2000)	Estado de Crise (2016)
Comunidade (2001)	Estranhos à Nossa Porta (2016)
Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos (2003)	

1. "As redes sociais são uma armadilha".
2. "O velho limite sagrado entre o horário de trabalho e o tempo pessoal desapareceu. Estamos permanentemente disponíveis, sempre no posto de trabalho".
3. "Tudo é mais fácil na vida virtual, mas perdemos a arte das relações sociais e da amizade".
4. "Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem-feito. O que se consome, o que se compra, são apenas sedativos morais que tranquilizam seus escrúpulos éticos".
5. "O movimento [espanhol] de 15 de março é emocional, carece de pensamento".
6. "Os grupos de amigos ou as comunidades de bairro não te aceitam sem dar razão, mas ser membro de um grupo no Facebook é fácil. Você pode ter mais de 500 contatos sem sair de casa, você aperta um botão e pronto".
7. "Foi uma catástrofe arrastar a classe média à precariedade. O conflito não é mais entre classes, é de cada um com a sociedade".
8. "As desigualdades sempre existiram, mas de vários séculos para cá se acreditou que a educação podia restabelecer a igualdade de oportunidades. Agora, 51 por cento dos jovens diplomados estão desempregados e aqueles que têm trabalho têm empregos muito abaixo das suas qualificações. As grandes mudanças na história nunca vieram dos pobres, mas da frustração das pessoas com grandes expectativas que nunca se cumpriram".
9. "A possibilidade de que o Reino Unido funcione sem a Europa é mínima", disse em 2011.
10. "Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar".

Fonte: *El País*

Pierre Bourdieu

As teorias de Bourdieu vieram à tona em um momento que muitos autores consideravam um estado de crise na Sociologia. Essa crise, em parte, tratava-se de um impasse: como fazer afirmações gerais sobre a realidade social se as pessoas possuem experiências, opiniões e vidas diferentes em sociedade?

Combatendo esse sentimento de crise, Bourdieu trouxe, em suas ideias, novas formas de perceber a realidade social de maneira objetiva e científica.

Bourdieu resolveu essa crise demonstrando de que modo as estruturas sociais se conectam com a vida prática de cada indivíduo. ‘Não existem ideias puras’, portanto. Bourdieu apresenta, em suas teorias, como é que os gostos pessoais e os comportamentos das pessoas têm a ver com a posição que elas ocupam na sociedade – ou seja, na estrutura social.

Ele desvenda o que está “por baixo dos panos”. Assim, Bourdieu é um bom exemplo de uma sociologia estruturalista.

A seguir, há alguns conceitos e aspectos da teoria bourdieusiana.

Capital

O “capital”, junto com o “campo” e o “habitus”, são três conceitos que se conectam. O capital diz respeito aos recursos que um indivíduo possui que lhe fornece vantagens e privilégios em relação àqueles que não os tem.

Ou seja, o capital são as “armas” herdadas ou adquiridas por alguém. Esses capitais podem ser econômicos, culturais ou sociais.

O capital econômico pode ser considerado o mais óbvio: é a quantidade de recursos financeiros que uma pessoa dispõe na forma de propriedades, dinheiro e bens materiais. Esse é o fator que é considerado geralmente para explicar as desigualdades sociais.

Entretanto, Bourdieu descobre, ao analisar a escola, outro tipo de capital: o cultural, que diz respeito a recursos adquiridos na instituição escolar como linguagem erudita, domínio da oratória, livros, diplomas e notas altas em provas, por exemplo.

Além disso, existe o capital social que é a rede de relacionamentos sociais e contatos que uma pessoa possui que lhe confere vantagem sobre os demais.

Campo

O conceito de campo está intimamente ligado ao de capital porque é no campo que ocorrem as disputas de poder e posição na realidade social. De fato, o campo é definido como uma rede ou uma configuração de relações sociais que são organizadas em posições de dominância diferentes.

Qualquer espaço social em que há uma correlação de forças desiguais em termos de capital – econômico, cultural ou social – entre diferentes pessoas pode ser considerado um campo. Bourdieu descobre, por exemplo, que a área da literatura é um campo, assim como a política, a ciência, ou a escola.

Além disso, todo campo possui suas próprias regras. A forma como aprendemos como o campo em que estamos inseridos funciona é abarcada pelo conceito de habitus.

Habitus

O conceito de habitus advém da ideia de hábito mental, ou seja, a forma como as pessoas aprendem e reproduzem aquilo que aprenderam durante o seu crescimento dentro de uma sociedade, passando a assumir os pensamentos de sua época.

Trata-se de uma aprendizagem de como perceber o mundo e atuar nele. O habitus é a experiência social incorporada em nossas mentes.

Os habitus são sempre construídos em um indivíduo dentro de um campo, detendo alguns capitais. Cada pessoa ocupa uma posição diferente no campo e herda ou adquire determinados capitais ao longo da vida, o que a torna única.

Ao mesmo tempo, o campo já existe antes de qualquer indivíduo nascer: ele determina algumas condições que são compartilhadas por todas as pessoas no mesmo campo.

Assim, com o habitus, Bourdieu mostra como as pessoas são construídas e ao mesmo tempo constroem o campo social no seu dia a dia, em uma verdadeira interdependência com a estrutura social. É por isso que ele usa o termo “agente” para se referir a todos nós, indivíduos ou pessoas que, de fato, atuam cotidianamente na sociedade.

Produção do gosto

Já houve muita discussão na filosofia sobre qual a verdadeira definição do belo ou do sentido do bom ou mau gosto. Bourdieu demonstra que, na verdade, os gostos são construídos socialmente como uma forma de fazer vínculos sociais, a depender do campo social em que o agente está inserido.

Depois de uma pesquisa que compreendeu 1.217 entrevistas na França, Bourdieu demonstra como os gostos servem para realizar um julgamento social dos indivíduos. Gostar e consumir arte,

cinema, músicas eruditas revela o capital cultural de um agente, e funciona muitas vezes como uma forma de se distinguir daqueles que não possuem os mesmos gostos “refinados”.

Violência simbólica

O conceito de violência simbólica visa apresentar de que maneira a autoridade e o poder de agentes ou instituições são naturalizadas, ou seja, consideradas “normais” em uma sociedade.

Exemplos de violência simbólica na escola incluem: conteúdos, disciplinas, provas, trabalhos e correções gramaticais. Isso porque os critérios de avaliação escolar estão pautados nos capitais econômicos e culturais das classes dominantes, e não a dos pobres.

Assim, o sucesso na escola muitas vezes acaba sendo condicionado pela origem e o desenvolvimento econômico, cultural e social dos estudantes. Os próprios alunos em desvantagem, por sua vez, acabam aderindo e aceitando os critérios desse campo – a escola.

Educação

É possível notar que a educação é parte de um dos temas centrais na obra de Bourdieu. Ele foi responsável por demonstrar a violência simbólica existente nas escolas e alertar as pessoas sobre o otimismo no sistema educacional.

Bourdieu apresentou as dificuldades das classes mais pobres em relação ao acesso e à permanência na escola, bem como as diferenças de desempenho de alunos por sexo, origem, local de moradia e classe.

Com sua teoria, Bourdieu pretende mostrar não só a escola, mas como outras instituições dominantes funcionam, e fazer um esforço para pensar outros modos de organização que estimulem a crítica e a produção de novas ideias.

Fonte: < <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/pierre-bourdieu#2>>

1. “Aquilo que foi criado para se tornar instrumento de democracia direta não deve ser convertida em mecanismo de opressão simbólica”.
2. “O campo artístico é lugar de revoluções parciais que alteram a estrutura do campo sem porem em questão o campo enquanto tal e o jogo que nele se joga.”
3. “O ressentimento ligado ao fracasso só torna quem o experimenta mais lúcido em relação ao mundo social, cegando-o ao mesmo tempo em relação ao próprio princípio dessa lucidez”.
4. “A maior parte das palavras de que dispomos para falar o mundo social oscilam entre o eufemismo e a injúria”.

5. "O pedante compreende sem sentimento profundo, enquanto o mundano usufrui sem compreender."
6. "A comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe."
7. "Parece necessário você se interrogar sobre a ausência de interrogação."
8. "O trabalho dos dominadores é dividir os dominados."
9. "Não há democracia efetiva sem um verdadeiro crítico."

Gilles Lipovetsky

O filósofo se destaca pela abrangência de suas análises, que cruzam a realidade, passando pelas necessidades mais fundamentais das pessoas.

Suas conclusões estão longe de serem desligadas da vida, pelo contrário, ele escreve sobre inúmeras questões presentes no cotidiano, de maneira objetiva e acessível.

O teórico francês é conhecido pelos estudos sobre o consumo, principalmente por não ter uma visão condenatória do consumo.

Ao explorar o assunto, Lipovetsky abre ramificações para explorar temas como:

- o aumento da liberdade;
- a decadência das tradições que guiavam nossas vidas;
- o pensamento individualista;
- o desencantamento do ser humano por ideologias políticas;
- o culto ao prazer e à felicidade imediatos.

Tudo isso é abordado em sua obra sem deixar de lado aspectos emocionais intrínsecos à condição humana, que surgem das características que Lipovetsky atribui à **hipermodernidade**, seu grande conceito sobre a contemporaneidade.

O termo "pós-modernidade" sugere uma ruptura com a modernidade. Porém, para Lipovetsky, o que nasce agora é uma sociedade mais moderna do que a própria modernidade.

A sociedade hipermoderna, em termos gerais, seria caracterizada por três elementos:

- o aprofundamento da economia de mercado;
- a revolução tecnológica que invade o cotidiano;
- uma autonomia individual sem precedentes.

Fonte: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/gilles-lipovestky-qual-o-significado-do-consumo-em-nossas-vidas>>

1. "A ideologia individualista e a era sublime da moda são assim inseparáveis; culto da expansão individual, do bem-estar, dos gozos materiais, desejo de liberdade, vontade de enfraquecer a autoridade e as coações morais: as normas "holistas" e religiosas, incompatíveis com a dignidade da moda, foram minadas não só pela ideologia da liberdade e da igualdade, mas também pela do prazer, igualmente característica da era individualista."
2. "A moda consumada não significa desaparecimento dos conteúdos sociais e políticos em favor de uma pura "gratuidade esnobe", formalista, sem negatividade histórica. Significa uma nova relação com os ideais, um novo investimento nos valores democráticos e, ao mesmo tempo, aceleração das transformações históricas, maior abertura coletiva à prova do futuro, ainda que nas delícias do presente."
3. "O que faz a diferença é cada vez menos a elegância formal e cada vez mais as performances técnicas, a qualidade dos materiais, o conforto, a sofisticação dos equipamentos; o estilo original não é mais privilégio do luxo, todos os produtos são doravante repensados tendo em vista uma aparência sedutora, a oposição modelo/série turvou-se, perdeu o seu caráter hierárquico ostentatório."
4. "Nada igual à publicidade: ao invés da coerção minuciosa, a comunicação; no lugar da rigidez regulamentar, a sedução; no lugar do adestramento mecânico, o divertimento lúdico."
5. "Para além das manifestações reais de homogeneização social, a publicidade trabalha, paralelamente à promoção dos objetos e da informação, na acentuação do princípio da individualidade. No instantâneo e no visível, produz massificação; no tempo mais longo, e de maneira invisível, despadroneza, autonomia subjetiva."
6. "Toda cultura de massa trabalhou no mesmo sentido que as estrelas: um extraordinário meio de desprender os seres de seu enraizamento cultural e familiar, de promover um ego que dispõe mais de si mesmo."
7. "O que gera decepção não é tanto a falta de conforto pessoal, mas a desagradável sensação de desconforto público e a constatação do conforto alheio."
8. "Na verdade, qual idealização é capaz de se manter, qual sonho pode persistir indefinidamente, quando confrontado com a precariedade natural dos seres e a monótona cantilena da eterna repetição das coisas?"
9. "Quanto mais os indivíduos são informados, mais se encarregam de sua própria existência, mais o Ego é objeto de cuidados, de autossolicitudes, de prevenções."

Byung-Chul Han

Byung-Chul Han é um filósofo sul-coreano que se dedicou a analisar as estruturas da sociedade do século XXI para entender como o modelo de produção da última fase do capitalismo tem interferido diretamente na vida psicológica das pessoas. Partindo da psicanálise, da filosofia existencialista e de análises sociológicas, Han tenta entender o vínculo entre os distúrbios psiquiátricos comuns em nossos tempos, como a síndrome de burnout, a depressão e o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), com o ritmo de vida que a nossa sociedade cobra das pessoas.

Livros de Byung-Chul Han

Sociedade do cansaço

Esse curto ensaio de Han tem sido muito difundido no Brasil recentemente. Por conta das ideias capitalistas que dão conta do ser humano como uma espécie de máquina capaz de produzir, o capitalismo do século XXI aboliu as diferenças individuais. Todo mundo é capaz de fazer e agir. Todo mundo é capaz de mudar a sua realidade e a realidade a sua volta. Todo mundo é empreendedor de si e é capaz de fazer o que quer que seja, sendo, assim, artífice de si mesmo.

O problema é que as oportunidades não são iguais para todos no sistema capitalista neoliberal e nem todo mundo tem a mesma energia para fazer acontecer, de modo que sempre existirão excluídos. A ideologia da sociedade do cansaço, que faz crer que o único responsável pelo “sucesso” é o indivíduo, cria a necessidade de que as pessoas estejam sempre ativas, buscando modos de agir, de empreender, descansando cada vez menos e ficando cada vez mais fissuradas pela busca do sucesso.

O ritmo estressante e a busca implacável pelo empreendimento levam ao adoecimento psicológico. Por isso, argumenta Han, são comuns em nossa sociedade a depressão e a síndrome de burnout, uma condição que afeta as pessoas que se submetem ao estresse constante e ao cansaço contínuo. São sintomas recorrentes em quem é acometido pela síndrome de burnout a insônia (ou o excesso de sono sem descanso) e o estresse contínuo, sintomas que também são recorrentes na depressão e na síndrome do pânico. Desse modo, o indivíduo não possui mais amarras que o prendem fisicamente, mas um sistema em que ele perde a sua liberdade sem que perceba.

Sociedade do desempenho

Com argumentação semelhante à desenvolvida em *Sociedade do Cansaço*, Han faz notar a busca incessante pelo desempenho em nossa sociedade. Somos criados para sermos os melhores em tudo, estabelecendo um ambiente competitivo que leva o indivíduo a querer sempre mais e a buscar sempre uma superação de si, algo que o leva ao estresse e ao adoecimento.

Uma característica marcante dessa nova sociedade é o foco na quantidade. Quanto mais um indivíduo consegue produzir, mais destaque ele consegue. Isso é o imperativo do faça você mesmo, regido pela lógica de que todos nós podemos fazer tudo.

Em uma interpretação particular nossa, arriscamos dizer que a nova onda do momento, os treinamentos oferecidos pelos coaches (profissionais que se especializam em oferecer um treinamento capaz de desenvolver uma habilidade em uma pessoa por meio de conhecimentos retirados da psicologia e da filosofia), ganha espaço por conta dessa ideologia competitiva embasada no empreendedorismo e na competição.

No enxame

O livro que carrega o subtítulo “perspectivas do digital” faz uma análise acurada da sociedade magnetizada pela internet e pelas redes sociais. Aquele indivíduo citado nas obras mencionadas acima, empreendedor de si, artífice de si mesmo, encontra nas redes sociais, concomitantemente, o espaço para se mostrar enquanto indivíduo produtivo, dono de suas forças e produtor, mas também o espaço para se frustrar ao ver o aclamado sucesso do outro e nunca ficar satisfeito consigo mesmo.

A internet é um espaço ainda muito desconhecido e com muitas potencialidades – ainda não desbravadas –, que acaba, muitas vezes, levando o indivíduo a uma ruína psíquica.

Psicopolítica

Esse livro, com o subtítulo “o neoliberalismo e as novas formas de poder”, faz uma análise do capitalismo neoliberal do século XXI, permeado pelas novas tecnologias. A pergunta que podemos elencar como central no livro é: a possibilidade infinita de informação e conexão nos torna indivíduos livres? A resposta é complicada, mas necessária para nos situar no ambiente corporativo e social de nosso século.

Como o capitalismo apropriou-se do aparato de comunicação imenso e massivo que é a internet? De que modo isso nos afeta? Han discute, nesse livro, questões baseadas nessa problemática contemporânea, que está levando o ser humano a adoecer, por causa do esgotamento mental resultante do uso das tecnologias, por meio de uma espécie de psicopolítica.

Não é necessário que haja um controle rígido das pessoas para que elas produzam, pois as redes sociais desempenham esse papel de controle na medida em que expõem padrões que se tornam objetos de desejo pela maioria das pessoas. Tais objetos de desejo são o objetivo de um caminho sem fim, que tem como percurso o esgotamento mental daqueles que tentam trilhá-lo.

Fonte: < <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/byung-chul-han.htm>>

1. "Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização."
2. "Sem a presença do outro, a comunicação degenera em um intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual; a comunicação digital é somente visual, perdemos todos os sentidos; vivemos uma fase em que a comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e dos likes só tolera os mais iguais; o igual não dói!"
3. "A queixa do indivíduo depressivo, "nada é possível", só pode ocorrer em uma sociedade que pensa que "nada é impossível"."
4. "Homens e mulheres comuns, tendo a oportunidade de uma vida feliz, se tornarão mais gentis e menos persecutórios e inclinados a encarar os outros com suspeita."
5. "Nesta sociedade de compulsão, todo mundo carrega em si um campo de trabalho."
6. "Este campo de trabalho é definido pelo fato de que somos simultaneamente prisioneiros e guardas, vítimas e agressores. Exploramos a nós mesmos. Isso significa que a exploração é possível mesmo sem dominação."
7. "Nunca ninguém está mais ativo do que quando não faz nada, nunca está menos sozinho do que quando está consigo mesmo."
8. "A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade."

Anotações: